

## O AROMA AGRESTE DA LINGUAGEM ROSIANA

*Mylaimi Moreira de Souza* (UEMG)

[milaimemoreira@hotmail.com](mailto:milaimemoreira@hotmail.com)

*Káren Taloana Florêncio de Souza* (UEMG)

[karentaloana@gmail.com](mailto:karentaloana@gmail.com)

*Lídia Maria Nazaré Alves* (UEMG)

[lidianazare@hotmail.com](mailto:lidianazare@hotmail.com)

*Ivete Monteiro Azevedo* (UEMG)

[imizevedo62@gmail.com](mailto:imizevedo62@gmail.com)

### RESUMO

Esta proposta está alicerçada no Projeto de pesquisa “Poéticas da modernidade: um olhar para a diferença”, em desenvolvimento neste ano de 2016, na UEMG (Unidade de Carangola), sob a orientação de Lídia Maria Nazaré Alves e coordenação de Alexandre H. C. Bittencourt. O tema deste artigo envolve duas formas de representações miméticas: uma tradicional, imitativa, outra moderna, produtiva. Pela primeira, escreve-se o texto legível, buscando-se imediato entendimento do leitor; pela segunda, escreve-se o texto ilegível, buscando-se a reflexão do leitor que se dará pelo esforço da compreensão. Durante vários séculos, entendeu-se a literatura, a partir de uma leitura equivocada de Aristóteles, como representativa da realidade. Sua escrita segue uma sintaxe rotineira, cujo sentido pode ser encontrado no dicionário, um senão a tal tipologia de escrita é a automatização do pensamento, contribuindo para a formação do sujeito alienado. As modernidades entenderam que a literatura deveria servir-se de sua matéria-prima, a palavra, produzindo nova realidade. Neste caso, a sintaxe seria reorganizada, a fim de que o sentido fosse construído dentro do próprio texto. A sintaxe seria utilizada, mas o seu sentido seria fruto da elaboração do escritor. Algo novo, nascido a partir dos arranjos. Procedimento que promove a desautomatização do pensamento, contribuindo para a construção do indivíduo crítico. Este artigo está desenvolvido em torno de áreas de interesse do estudo da linguagem e da literatura. A opção pela aplicação de conceitos linguísticos e literários à obra de João Guimarães Rosa, justifica-se, porque o referido autor vem atraindo o olhar da crítica e de estudantes de literatura, desde o surgimento de seus primeiros trabalhos. Consideravelmente, grande parte dos trabalhos sobre a literatura rosiana volta-se para a peculiaridade de seu manejo com a língua. Além disso, ecoamos nossa voz do Estado de Minas Gerais, onde nasceu o escritor e nos sentimos na obrigação de fazer ecoar, ainda que em tom menor, a notoriedade de tão produtivo escritor. Nesses termos, o exercício de leitura e escrita articulam-se na área dos estudos da linguagem e da literatura, objetivando-se adentrar às malhas discursivas da literatura rosiana, a fim de identificar aspectos linguísticos e literários inovadores, que apontam para o caráter dinâmico da língua, como matéria-prima da arte literária. A pesquisa é de cunho bibliográfico e para a mesma elegemos Ferdinand de Saussure, Terry Eagleton (1977) Antonio Candido (2006), com aplicação em diferentes contos do autor.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. Estudo da linguagem. Linguística. Literatura.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

### 1. *Introdução*

Este artigo, cujo tema é a linguagem literária rosiana, alicerça-se sua análise nos estudos da linguagem e na literatura, a partir das leituras para a fundamentação do projeto de pesquisa “Poéticas da modernidade: um olhar para a diferença”, sugeridas pela coordenadora, Lídia Maria Nazaré Alves, neste ano de 2016 na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Unidade Carangola.

A opção pela aplicação de conceitos linguísticos e literários à obra de João Guimarães Rosa justifica-se porque o referido autor vem atraindo o olhar da crítica e de estudantes de literatura, desde o surgimento de seus primeiros trabalhos. Consideravelmente, grande parte dos trabalhos sobre João Guimarães Rosa estão voltados para a peculiaridade de seu manejo com a língua. A pesquisa é de cunho bibliográfico com aplicação em diferentes contos do autor.

De acordo com Antonio Candido (2006), João Guimarães Rosa é um dos autores mais importantes da nova narrativa brasileira. O fato de o mesmo ser mineiro, nos instigou o desejo de nos debruçar sobre seus textos para verificar as peculiaridades de sua escrita. A fim de delimitar o assunto, elaborou-se o seguinte problema: Quais são as especificidades da literatura rosiana que o tornou um dos representantes mais produtivos da nova narrativa brasileira?

Objetiva-se com esse exercício de leitura e escrita descrever as especificidades da literatura rosiana que o torna um dos mais importantes representantes da nova narrativa brasileira. Com o fito de conduzir nossa reflexão, elegemos como teóricos os estudos de Ferdinand de Saussure (1916); David Crystal (1974); Mikhail Bakhtin (1990); Terry Eagleton (2003) e Antonio Candido (2006).

### 2. *Considerações sobre a ciência linguística*

A linguística, como ciência, passou a ser definida a partir do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, publicado em 1916, na França. Todo o conhecimento sobre linguagem produzido no século XX teve sua origem em um ponto comum, a obra de Ferdinand de Saussure. Essa afirmação é procedente, não porque tal conhecimento se baseou no *Curso*, todavia porque a partir da obra deu-se início aos estudos científicos da linguagem proporcionando aos estudiosos tanto a definição do objeto, quanto um método.

Embora considerem questionáveis as circunstâncias de publicação da obra, posto que não fora escrita por Ferdinand de Saussure, mas por alguns de seus alunos da Universidade de Genebra, os quais se valeram de uma coletânea de notas de aula durante os anos de 1907 a 1911, ainda assim, a obra foi tomada como base teórica para os estudos sincrônicos praticados intensamente no século XX, em contraste com os estudos históricos anteriores. O projeto de Ferdinand de Saussure consistia de cortes nos estudos linguísticos para que se tratasse da uma ciência autônoma exclusivamente da linguagem, esta considerada em si mesma e por si mesma

Entende-se como linguística, de acordo com o *Oxford English Dictionary* “a ciência da linguagem; filologia”, porém essa definição é muito vaga. David Crystal (1974, p. 17) a define de forma mais precisa:

[...] a linguística executa pelo menos duas tarefas: preocupa-se com o estudo das línguas em particular como fins em si mesmas, para poder produzir suas descrições completas e corretas; e também estuda as línguas como um meio para um fim posterior, de modo a obter informações sobre a natureza da linguagem em geral.

A linguística, então, é uma ciência que estuda a linguagem e as línguas, mas de uma forma ampla e profunda. Procura entender a estrutura da língua e os mecanismos da linguagem, baseando-se em seu uso. Analisa a comunicação feita pelos usuários e como eles a utilizam, quais são os princípios que os levam a falar de determinada maneira. Isso mostra que a linguística não busca apenas compreender o uso de uma linguagem, formal e literária, mas também aquelas que são usadas no dia a dia das pessoas.

No entanto, para a gramática do português, só existe uma forma correta para se escrever e se falar: aquela que se encontra dentro dos parâmetros gramaticais tradicionais. Com isso, somente essa linguagem é importante e considerada. A escrita e a fala prestigiadas são aquelas normadas pela norma culta do português.

Dentro dessa visão, a linguagem utilizada por um número considerável de falantes seria inadequada e sem qualidade, ou seja, errada. Ao contrário das normas estabelecidas pela gramática tradicional, a linguística analisa os fenômenos linguísticos como inerentes ao falante, levando em consideração fatores sociais, psicológicos, geográficos, situacionais etc., exatamente por ser a língua seu objeto de estudo.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

A função da linguagem é exatamente a da comunicação, como nos apresenta David Crystal (1974 p. 20) “[...] a linguagem é a forma de comunicação humana mais altamente desenvolvida e de maior uso”. É por ela que expressamos nossos pensamentos e ideias. E ela é utilizada para que isso seja feito com competência. Por isso, o falante a utiliza para alcançar o seu objetivo, comunicar-se.

João Guimarães Rosa é um exemplo dessa competência, pois em suas obras utiliza da linguagem literária que acha mais coerente para transmitir o seu pensamento e suas emoções.

### 3. *Considerações sobre a literatura*

Terry Eagleton (2003, p. 1) aborda, em seu livro *Teoria da Literatura: Uma Introdução*, as várias definições existentes de literatura. De acordo com o autor, a literatura é concebida, na perspectiva de alguns estudiosos, como uma escrita imaginária, relacionando-se, assim, ao campo da ficção. Entretanto, caso essa definição de literatura seja posta em análise, mesmo que brevemente, pode-se constatar que essa definição não representa todas as formas de escrita, uma vez que, nem todos os textos imaginários podem ser chamados de literários. Pelo que se pode aferir, há, quando se busca uma aceção completa de literatura, a intenção de diferenciar os textos literários de fatos reais; como se histórias não pudessem ser consideradas literárias por se tratarem de fatos autênticos.

Terry Eagleton (2003, p. 2) comenta que a classificação de uma obra como literária ou não, pode depender de como o leitor assimila o texto. Explica ainda que alguns escritores podem ter escritos suas obras, como fatos verdadeiros e, agora, os leitores as considerem obras literárias.

Certamente Gibbon achava que escrevia a verdade histórica, e talvez também fosse esse o sentimento dos autores do *Gênese*; tais obras, porém, são lidas hoje como “fatos” por alguns, e como “ficção” por outros; Newman sem dúvida achava que suas meditações teológicas eram verdades, mas muitos leitores as consideram hoje “literatura”.

Nessa citação, Terry Eagleton (2003) expõe a subjetividade da interpretação de uma obra feita por seus leitores. O fato de ela ser ou não factual, dependerá do entendimento de cada leitor, e, além disso, explana sobre as possíveis e reais intenções dos escritores ao escreverem seus textos. Além desse fato, Terry Eagleton (2003, p. 2) faz um comentário relevante sobre a caracterização que fazem da literatura: “[...] O fato de a

literatura ser escrita “criativa” ou “imaginária” implicaria serem a história a filosofia e as ciências naturais não criativas e destituídas de imaginação?”

Com essa abordagem, a intenção do autor parece ter sido voltada ao esclarecimento do que não deve ser denominado como característica determinante da teoria a qual estudamos. Terry Eagleton (2003), de tal modo, sugere uma análise de outra perspectiva acerca da literatura, avaliando-a por sua escrita peculiar, ou seja, literatura não deve ser caracterizada pela escrita imaginativa, mas sim, pela articulação peculiar e singular da linguagem.

O uso da língua, portanto, está intimamente relacionado à literatura, uma vez que por meio dela, se expressará a habilidade de escrita a qual foge ao comum. Uma linguagem literária se destaca perante um discurso comum. Terry Eagleton (2003, p. 2) afirma que, “[...] A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana”, e ainda completa dizendo que se alguém se dirige a outra pessoa dizendo “[...] Tu, noiva ainda imaculada da quietude”, saberia que esse discurso é literário. Com essa exemplificação usada pelo autor, percebe-se claramente como é singular a escrita literária, que, de acordo com Terry Eagleton (2003, p. 3): "Trata-se de um tipo de linguagem que chama a atenção sobre si mesma e exhibe sua existência material, ao contrário do que ocorre com frases tais como *Você não sabe que os motoristas de ônibus estão em greve?*".

Essa mudança de perspectiva da qual o literário passou a ser caracterizado como um arranjo, uma organização inteligente e peculiar da linguagem foi a ideia defendida pelos formalistas russos, que intencionavam um novo critério para a crítica literária, fazendo com que as críticas não sofressem tanta influência de fatores ligados aos dogmas e simbolismos, mas que pudessem ser feitas no conteúdo do texto. Portanto, essa preocupação com a forma, com o conteúdo, foi a consequência da aplicação da linguística ao estudo da literatura.

A diferença que se pode perceber nessas concepções sobre a teoria da literatura defendidas pelos formalistas russos e Terry Eagleton (2003), é que para este, a literatura se destaca pela forma da linguagem, porém, não faz distinção se o texto é real ou imaginário; o que diferencia é a maneira como é escrito. Já para aqueles, o literário não tem a ver com representação de fatores sociais, alegorias; ou seja, ignora-se a função social

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

que pode ser estabelecida pelo texto literário e passa a se considerar apenas a forma do texto.

### 4. *A escrita de Guimarães Rosa*

Nas obras de João Guimarães Rosa, podemos observar que o autor busca outra forma de escrita dos livros. A preocupação dele é com a linguagem, enquanto outros escritores focavam escrever para fora, ou seja, se preocupavam em representar a sociedade, os costumes da época em que viviam. Não são obras realista que descrevem a realidade, mas todos os autores visavam sobre o que falar. João Guimarães Rosa se importou como apresentar as palavras, como organizá-las, como fazê-las falar.

Como todos os outros autores até a sua época, havia escrito de forma culta, de forma correta, sem nenhuma alteração gramatical, ele decidiu mexer na sintaxe textual para ganhar o efeito que tanto desejava. Sua intenção era dizer que é impossível criar personagens e histórias de vida tão diferentes, com uma linguagem tão correta. É o que apreendemos no livro *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. Quando ele escreve "São Marcos", o qual narra a vida de José, que, no passado, não acreditava em feiticeiro, fato esse que nos deixa em dúvida, ao decorrer da obra.

Para fazer isso, João Guimarães Rosa utiliza muito da deslocação dos advérbios na frase, como na primeira frase do conto "Naquele tempo eu morava no Calango-Frito e não acreditava em feiticeiros". Naquele tempo é classificado como locução adverbial de tempo, a qual deveria estar no final da frase ou no início, precedido de uma vírgula. Mas o autor não se preocupa com isso, até porque a maioria das pessoas nem sabe disso, e o objetivo dele é exatamente mexer na linguagem, garantindo-lhe um *status* regional próprio. Outro ocorrido, e de grande valor, é o uso do advérbio de intensidade no trecho "não falar em raio: quando muito, e se o tempo está bom, *fáisca*".

Depois podemos notar a presença de uma substituição de vírgulas ou pontos, por ponto-vírgula, o que causa muita confusão no leitor, que não sabe o que se quer dizer de verdade. Aqueles que não têm o domínio da norma culta portuguesa não conseguem organizar a escrita de forma mais legível.

Outro aspecto que se percebe é o uso de termos desconhecidos e que são próprios do contexto em que o autor escreve. Modifica e cria classificações das orações.

Na segunda linha do conto, há o acréscimo de uma preposição, juntamente com uma expressão própria da linguagem oral “excluí *da* quanta coisa e souza de nós todos lá, e outras cismas corriqueiras tais”. Ao dizer que excluiu precisa-se expor o que foi excluído. O verbo em questão é transitivo direto, ou seja, necessita de complemento, o qual não traz consigo uma preposição. “Quanta coisa e souza” é utilizada na fala oral coloquial para representar algo quantitativo, expressão que também podemos encontrar numa fala de costume popular de algumas regiões.

Mais abaixo, há um acréscimo de uma pontuação sem necessidade, já que traz, logo após o objeto direto, uma locução adverbial de intensidade ou ainda pode ser feita a análise de oração subordinada adverbial temporal, cujos verbos foram suprimidos de modo que não houvesse repetição: “[...] não falar em raio: quando muito, e se o tempo está bom, *fa-ísca*”. Logo após o advérbio de intensidade, aparece no texto de João Guimarães Rosa uma conjunção aditiva, no entanto a ideia que o escritor traz em sua escrita, atribui à conjunção ideia de explicação. Nesse aspecto, percebe-se, também, a presença da semântica.

Continuando a análise sintático-literária do conto *São Marcos*, nota-se que em vários momentos da narrativa há a alteração na estrutura gramatical, para se alcançar um objetivo literário. Ainda no mesmo parágrafo, o autor expõe a seguinte frase “Vinte péssimos presságios”, a qual também demonstra uma fuga de um padrão determinado. O sujeito da sentença está posposto ao adjetivo, deveria estar após o sujeito-substantivo, tornando-a assim “Vinte presságios péssimos”.

No segundo parágrafo do mesmo conto, observa-se que João Guimarães Rosa brinca com a semântica textual, alterando os significados das palavras sem perder a coesão da narrativa.

*Dou de sério* que não mandara confeccionar com o papelucho o escapulário em baeta vermelha, porque isso seria humilhante; usava-o dobrado, na carteira. Sem ele, porém, não me aventuraria jamais sob os cipós ou entre as moitas. E só hoje é que *realizo* que eu era assim o pior de todos, mesmo do que o Saturnino Pingapinga [...].

no trecho acima encontram-se duas alterações de termos, cujo papel é representar outro significado.

Em “Dou de sério”, quer dizer, finjo de sério, já na expressão “realizo” o verbo, na caracterização de seu aspecto, expressa uma ação concluída de tomada de conhecimento. Ambas as palavras têm seus sentidos apresentados pelo contexto em que estão inseridas. Ainda pode-se notar

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

que há uma composição de palavras tornando-as um único substantivo, o que se chama na gramática tradicional de composição. Processo esse encontrado em vários pontos do texto, como “mal de engasgo”, “caso-exemplo”, céu-azul”, “tropical e cai, “levanta e sai”, “aranhas-d’água”, “bicho-de-pé”.

Nesses exemplos, o escritor usa os adjetivos para transformar as duas classes de palavras em um único substantivo, formação essa própria dos dias de hoje, conforme se pode confrontar em Maria Helena de Moura Neves (2011).

Para açambarcarmos mais contos de João Guimarães Rosa, em seu livro *Sagarana*, iniciaremos a análise de outro conto “A hora e vez de Augusto Matraga”. Já nos primeiros parágrafos da história, observa-se que há a presença novamente da formação dos substantivos e adjetivos através da composição das palavras, sendo elas substantivos, adjetivos e advérbios como nos trechos: “[...] filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaíbas e do *Saco da Embira*” e “candeias de *meia-laranja*, as duas *mulheres à toa* estavam achando em tudo um espírito enorme”, “uma *falta de lugar*, que se dera entre um velho”. Em seguida, no mesmo trecho, pode-se encontrar a alteração na ordem dos termos, onde se têm um objeto indireto antecedendo a locução verbal “*todo o mundo* com elas querendo ficar”.

Nas obras de João Guimarães Rosa, também, nota-se a aparição de uma linguagem muito regionalista, o que é marcada pelas expressões culturais como *capenga*, *capiau*, *fluxicar*.

O autor retira de algumas frases a presença das preposições, como em “pisando pé dos outros e com os braços”, a regência verbal de pisar é completada por uma preposição em + artigo (se necessário), com isso a sentença, gramaticalmente correta, seria pisando no pé dos outros. Ao mesmo tempo acrescenta palavras em locais sem necessidade para enfatizar a ação “a Angélica preta *se* rindo”, o verbo rindo faz parte do predicado da oração, que tem como o sujeito Angélica preta. O sujeito da oração ativa é quem realiza a ação, por isso não precisa da presença do termo “*se*”.

Podemos perceber outro desvio na obra quando ele escreve “deram apoio os quatro guarda-costas”, encontra-se, nesse trecho há a um sujeito posposto, porém, sintaticamente a ordem dos termos está inversamente na frase, já que a sintaxe moderna se caracteriza pela ordem direta: sujeito + verbo + complemento. Entre os “desvios”, de acordo com

a gramática tradicional, estão as marcas de oralidade “ai”, “deix’eu ver”, “deix’passar”, “n’água”.

Novamente, é possível perceber a manipulação que o escritor faz com a escrita das palavras, instituindo expressões novas e complexas “E a agitação partiu povos [...]”. Partiu povos expressa a ideia de que começou entre o povo. Nessa sentença também é possível perceber a mesma substituição no sentido “E, empurrando a rapariga, que *abriu* a chorar o choro mais sentido da sua vida”, o termo “abriu” traz o sentido de começar.

### 5. *Considerações finais*

João Guimarães Rosa, ao desvencilhar-se sua linguagem da função puramente proscritiva da gramática, ele assume uma linguagem com características mais subjetivas, que encanta pelo ineditismo das construções sem se perder na vaguidão do sentido. Essa concepção de linguagem é compreendida por Mikhail Bakhtin para além de seus aspectos técnicos, morfológicos e sintáticos, tanto que é apreendida como um indicador de desenvolvimento no nível verbal e não verbal. Nesse aspecto, Bakhtin enfatiza a centralidade da linguagem na vida do homem, tomando a palavra como o material da linguagem interior e da consciência, além de ser elemento privilegiado da comunicação na vida cotidiana, que acompanha toda criação ideológica, estando presente em todos os atos de compreensão e interpretação, porque a palavra é também polissêmica e plural, uma presença viva da história, por conter múltiplos fios ideológicos que a tecem. Para Mikhail Bakhtin (1990, p. 137), “[...] o principal objeto do gênero romanesco é a preocupação do escritor com o homem e sua fala. A originalidade estilística cria-se, assim, através do “homem que fala e sua palavra”, e mais, para esse gênero “[...] não é a imagem do homem em si que é a característica, mas justamente a imagem de sua linguagem”.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich). *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad.: Wal-tensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

CRYSTAL, David. *Que é linguística?* 3. ed. Trad.: Eduardo Pacheco de Campos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1974.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. atual. São Paulo: UNESP, 2011.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad.: Antônio Chelin, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.